



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO PRÁTICA DE ENSINO FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES DA ARQUEOLOGIA

EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E MEMÓRIA

Ana Karen Rosado Teixeira¹
(*anarosado@unesc.net*)

Giovana Cadorin Votre²
(*giovana.cadorin@unesc.net*)

Marcos César Pereira Santos³
(*marcoscesar.arqueologia@gmail.com*)

Juliano Bitencourt Campos⁴
(*jbi@unesc.net*)

Introdução

Entender o conhecimento do tempo histórico como linear e estanque é um equívoco, pois ele é construído em um processo de apropriação, construção e reconstrução de saberes produzidos pela humanidade. Patrimônio arqueológico, educação patrimonial, história e cultura indígena são as temáticas que norteiam este trabalho, sendo a Arqueologia a ciência que estuda o conhecimento das sociedades por meio de sua cultura material e imaterial, podendo ser os dados arqueológicos a única fonte de informação disponível em que não há registros escritos.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA); Docente do Colégio UNESC. Pesquisadora associada ao Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brasil.

²Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC); Pesquisadora associada ao Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brasil.

³Doutor em Arqueologia pela Università degli Studi di Ferrara (UNIFE/Itália); Pesquisador associado ao Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brasil.

⁴Doutor em Arqueologia pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro, Portugal (UTAD); Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA); Coord. do Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brasil.



A importância da educação patrimonial e da arqueologia

Hirata (2003) considera a contribuição da arqueologia no processo pedagógico, disponibilizando a sua metodologia para ações educativas centradas na exploração do mundo material. Morin (2005) fala dos princípios do conhecimento pertinente, o conhecimento fragmentado impede a operação entre as partes e a totalidade, e deve ser substituído por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto; sendo necessários métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo. Para Horta (1999), por meio da Educação Patrimonial o indivíduo pode criar um “sentimento de pertencimento”, de identidade comunitária e integração com o meio ambiente. Por isso, a Educação Patrimonial deve ser um instrumento de educação no processo do ensino formal e não formal, bem como um instrumento de alfabetização cultural, uma “pedagogia que propõe a descolonização da memória e do imaginário do ser humano através de diálogo cultural com outros, por meio de processos de sensibilização, autoleitura, autoconscientização e transformação coletiva” (BARON, 2004, p. 419).

Para Horta (1999), a alfabetização cultural possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal, em que está inserido. Esse processo constrói a identidade e contribui para a autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da rica e diversa cultura brasileira. A valorização, o respeito e a preservação do patrimônio arqueológico passam, certamente, pelo processo educativo e seu reconhecimento, condição necessária para sua preservação. É essa a perspectiva de atuação do Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), com foco na formação de cidadãos com intuito de reconhecer, proteger e valorizar nossas riquezas culturais.

A cultura Guarani

Os Guarani falam uma língua do tronco linguístico Tupi, eram horticultores e ceramistas e, segundo estudos arqueológicos e linguísticos (NOELLI, 1999), saíram da Amazônia há aproximadamente 3.000 anos AP pelos rios Madeira e Guaporé, ocupando parte da América do Sul, chegando ao litoral sul de Santa Catarina. Como atestam os primeiros 51 sítios arqueológicos identificados na área entre os rios Urussanga e Mampituba, com cerca de 900 e 200 anos antes do presente (CAMPOS *et al.*, 2013; CAMPOS, 2015; SANTOS *et al.*, 2016). Os vestígios arqueológicos deixados por esse



grupo contam seu modo de vida, costumes, suas crenças e vínculo com a paisagem, o que deixa claro que fazem parte da formação do que hoje é a região do extremo sul catarinense. Diante disso, a educação patrimonial se mostra indispensável para contar a história dos Guarani, e por meio do conhecimento fazer a comunidade assimilar a contribuição desse grupo para história regional.

No momento da colonização europeia, no Século XVI, as populações que falavam as línguas desse tronco linguístico estendiam-se quase sem interrupção ao longo da zona litorânea brasileira, e em muitas regiões do interior. Eles ocuparam, e ainda ocupam, diferentes áreas da bacia amazônica, chaco oriental paraguaio e argentino e os Contrafortes dos Andes (BONOMO *et al.*, 2015).

No Brasil, as rotas de dispersão teriam seguido os cursos fluviais (Paraná, Paranapanema, Ivaí, Piquiri, Iguaçu, Uruguai, Pelotas, Ibicuí e Jacuí, juntamente com afluentes menores). Em geral, os deslocamentos eram orientados por grandes rotas fluviais frequentemente cercadas por densas florestas de galeria. Após a consolidação das ocupações em determinadas regiões, passariam a ocupar os rios menores e áreas de interflúvios (BONOMO *et al.*, 2015). Os Guarani atuais se dividem em três parcialidades: Nandeva, Kaiowá, M'byá. Segundo dados advindos de análise de DNA mitocondrial, por volta de 1800 anos antes do presente teria ocorrido a separação das três parcialidades e ocorrido um pulso inicial de ocupação das grandes bacias hidrográficas do Sudeste e Sul do Brasil (MARRERO *et al.*, 2007).

Segundo dados advindos do site “Povos Indígenas do Brasil”, os grupos indígenas Guarani que se identificam como M'byá, estão atualmente distribuídos pelos Estados de ES, PA, PR, RJ, RS, SC, SP, TO, totalizando cerca de 7.000 pessoas (POVOS INDÍGENAS DO BRASIL, 2019). Dentre esse número de pessoas, existe o grupo Mbyá Guarani que ocupa a aldeia “Nhu Porã Campo Bonito”, situada na localidade de Campo Bonito, em Torres, região Norte do Estado do Rio Grande do Sul.

Projeto aprendendo com os povos indígenas

O referido projeto foi desenvolvido no ano de 2018 com 16 estudantes com idade entre 6 e 7 anos do Colégio UNESC, na cidade de Criciúma (SC) em parceria com o LAPIS, buscou incentivar o interesse pelo patrimônio cultural nacional com um olhar de pertencimento, assim como a compreensão do necessário cuidado e sua preservação. As ações educativas oportunizaram o conhecimento da história e cultura indígena guarani especificamente, a valorização e a proteção do patrimônio arqueológico. Nossa intenção



foi oportunizar de forma lúdica e interativa a compreensão do valor inestimável de ações para salvaguardar a cultura material e imaterial dos povos originários. Iniciamos com a visita dos professores à Aldeia Nhu Porã Campo Bonito, localizada no município de Torres-RS e teve continuidade com o estudo sobre os povos indígenas e as evidências científicas de sua existência desde a pré-história com atividades em sala de aula. Também houve a saída de estudos ao LAPIS. Na ocasião, os arqueólogos falaram sobre suas descobertas e realizaram oficinas demonstrando técnicas da arqueologia experimental, como a utilização de pedras lascadas e os artefatos de cerâmica, em que utilizam a técnica guarani de modelar em argila e arte rupestre. Foi feita uma visita à exposição 4.000 anos, que apresenta a cultura material dos grupos indígenas pré-históricos e históricos, com auxílio de maquetes a exposição demonstrou seus modos de vida e hábitos alimentares. Verificou-se como se encontra esse material em um ambiente de sítio arqueológico e realizamos escavações de forma experimental. Recebemos a visita dos estudantes indígenas da Escola Estadual Indígena Nhu Porã, um momento de integração com apresentações musicais, oficina de cestaria, brincadeiras, jogos, palestra com o professor Francisco Kuaray sobre a aldeia, a cultura e o idioma Guarani, dentre outras ações compartilhadas. As atividades supracitadas resultaram em aprendizagens e produções artísticas expostas no Espaço Cultural do Nações Shopping em Criciúma - SC e possibilitam a valorização da cultura material para o entendimento do passado que compõe nosso presente.

Considerações finais

A parceria nesse projeto entre o LAPIS e o Colégio UNESC possibilitou a construção de um novo olhar sobre o patrimônio arqueológico, principalmente nas questões que envolvem a história e a cultura indígena do tempo pretérito, o que refleti sobre o tempo presente. Compreendemos que a educação patrimonial é uma ferramenta de construção de conhecimento e um exercício de cidadania e é, sobretudo, um compromisso que deve ser realizado pelos estudantes, potenciais guardiões do patrimônio cultural indígena imaterial e material expresso em artefatos arqueológicos com materiais líticos, ósseos e cerâmicos. Entendemos que o conhecimento científico deve ser disponibilizado em diferentes oportunidades de forma lúdica e didaticamente adequada para que a curiosidade epistemológica esteja presente desde o início da trajetória escolar dos educandos.



Referências

BARON, D. **Alfabetização Cultural. A luta por uma nova humanidade.** SP: Alfarrábio, 2004.

BONOMO, M.; ANGRIZANI, R. C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, F. S. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. **Quaternary International**, v. 356, p. 54-73, 2015.

CAMPOS, J. B.; ROSA, R. C.; RICKEN, C.; SANTOS, M. C. P.; ZOCHE, J. J. Arqueologia entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros Arqueológicos Pré-Históricos no Extremo Sul Catarinense. **Cadernos do LEPAARQ** (UFPEL), 2013.

CAMPOS, J. B. **Arqueologia Entre Rios e a Gestão Integrada do Território no extremo sul de Santa Catarina – Brasil.** Tese (Doutorado em Quaternário, Materiais e Cultura) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, 2015.

HIRATA, E. F. V. **Arqueologia e Educação:** Aprendendo com as coisas. Artigo apresentado no cd da SAB. São Paulo, 2003.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q.. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.

MARRERO, A. R. *et al.* Demographic and evolutionary trajectories of the Guaraní and Kaingang natives of Brazil. **American Journal of Physical Anthropology**, v. 132, n. 2, p. 301–310, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 10ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.

NOELLI, F. S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas-1872-2000. **Revista USp**, n. 44, p. 218-269, 1999.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. **Povo Guaraní.** Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina-principal/>. Acesso em: 5 mar. 2019.

SANTOS, M. C. P.; PAVEI, D. D.; CAMPOS, J. B. **Arqueologia** Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba: paleoambiente, cultura material e ocupação humana na paisagem litorânea do Extremo Sul Catarinense entre 3500-200 anos antes do Presente. **Cadernos do CEOM**, v. 29, n. 45, p. 64-86, 2016.